

Uma investigação sobre Chico Xavier

*“Será que todos que dizem o que querem estão preparados para ouvir a verdade?”
(Autor Desconhecido)*

“Cada um pensa em mudar a humanidade, mas ninguém pensa em mudar a si mesmo”. (Leon Tolstoi)

Lemos o artigo que leva o título de “*Uma investigação sobre Chico Xavier*”, asseverando como uma matéria da Redação do site CACP, correspondente ao link (<http://www.cacp.org.br/espiritismo/artigo.aspx?lng=PT-BR&article=2346&menu=5&submenu=1>). Diante de nosso direito inafiançável de resposta, analisaremos o que é exposto e daremos a nossa contra-argumentação.

O que temos observado é uma mutilação de má-fé em relação à codificação da doutrina espírita com o intuito de apenas denegrir a crença alheia para que a sua própria crença se sobressaia. Tem sido muito comum esta nossa constatação da atitude do CACP para com o Espiritismo. Contudo, suas objeções não resistem ao exame apurado que temos feito. Vejamos:

1. A revista Superinteressante edição 277 de abril/2010 traz um artigo sobre Chico Xavier na capa de frente onde lemos “UMA INVESTIGAÇÃO CHICO XAVIER – Quem foi o homem que fez milhões de brasileiros acreditar em espíritos? Qual o segredo das mensagens que ele psicografou? A SUPER viajou pelo país para desvendar essas perguntas. E encontrou as respostas.” E na página 50 da citada revista lemos mais: “Há 100 anos nascia o homem que faria brasileiros de todos os credos acreditar na vida após a morte. Que mudaria a vida de famílias desconsoladas e que colocaria a ciência atrás de respostas para as vozes do outro mundo. O mito Chico Xavier gerou tudo isso. Mas o que gerou o mito Chico Xavier?”.

PR. NATANAEL RINALDI: O que poderia ser dito desse mito conhecido como Chico Xavier, que, embora falecido, até filme biográfico já foi produzido tornando-o figura conhecida em todo o Brasil? Como responder a pergunta constante da revista Super, o que gerou o mito Chico Xavier?

A pergunta formulada é respondida pela própria revista na página 51. “ATÉ HOJE chegam cartas a Uberaba, Minas Gerais, endereçadas a Chico Xavier. Vêm pelo correio ou são jogadas por cima do muro do centro em que ele trabalhava. Parece que seus autores não se lembram de que Chico não está mais lá – morreu há 8 anos. Quer dizer, o homem morreu. O mito não. O normal para quem, como ele teve trajetória de superstar. Nos anos 80, mais de 100 pessoas faziam fila à sua porta todo o dia. Nos 90, foi destinatário recordista de cartas no Brasil. 2 mil por mês. Seus mais de 450 livros venderam 25 milhões de cópias. E sua influência ajudou a tornar o Brasil o maior país

kardecista do mundo, com 2.3 milhões de seguidores (). Em 2 de abril, Chico completaria 100 anos.”*

Até o presente momento, em entrevista do CACP com o Pr. Natanael Rinaldi, entendemos que a popularidade de Chico Xavier no Brasil os incomoda. Salientamos que o querido Chico era uma pessoa simples e fraterna. Este foi motivo que o levou a condição de merecer que o Brasil conhecesse a sua vida através de sua biografia mostrada nas salas de cinema. Fato este que deve provocar certa inveja em muitos religiosos que não tem o mesmo trato. O carinho e admiração que a população brasileira têm para com o Chico, independente de qual religião siga, renderam as inúmeras cartas que ele recebia, levando-o a condição do brasileiro que mais recebeu cartas em território nacional nos anos 1990, como bem frisou a reportagem da revista Superinteressante.

Um fato bem curioso que temos que salientar é que Chico Xavier, ao psicografar as mais de 450 obras, não tinha nenhum rendimento financeiro por conta disso, remetia a instituições de caridade todos os direitos de suas obras e vivia uma vida bem simples com o sustento de seu trabalho como funcionário público. Atitude esta muito difícil de vermos nos meios religiosos, onde os líderes tentam arrancar do povo o necessário. O nosso querido Chico era um homem íntegro e afortunado, pois entendeu na simplicidade da vida a verdadeira alegria, sendo esta mesma percepção a de levar aos menos alentados o conforto de que a morte é apenas uma passagem e as nossas pessoas queridas apenas não estavam mais presentes em nosso meio, mas continuavam vivas. Vamos prosseguir na análise da entrevista do CACP com o Pr. Natanael Rinaldi. Vejamos:

Pode-se dizer então que Chico Xavier adquiriu esse prestígio enorme com a evocação de espíritos de pessoas falecidas cujos parentes queriam saber notícias do além sobre eles e Chico Xavier servia de médium?

Sim. Segundo o ensino de Allan Kardec os espíritos podem comunicar-se espontaneamente, ou acudir ao chamado, isto é, por evocação. Quando se deseja comunicar com determinado espírito, é de toda a necessidade evocá-lo”.

Cabe-nos aqui uma correção, pois Chico Xavier teve tanto prestígio não por evocar aos entes queridos de muitos brasileiros, mas pelo simples fato de levar conforto aos que o buscavam em saber como estavam os seus parentes após a morte. Não existia uma evocação por motivos fúteis, mas uma comunicação para acalantar a família diante de um trauma como a morte. Aliás, a bem da verdade, nem evocação ele fazia, apenas colocava-se à disposição dos Espíritos que tinham interesse em mandar mensagem aos parentes ou amigos ainda presos à carne. Lembramos que nem todos que os buscavam tinha retorno de seus entes queridos, pois como ele sempre dizia: “o telefone toca de lá para cá”.

Chico Xavier praticou a máxima de Jesus ao compartilhar o seu dom gratuitamente, “dando de graça o que de graça recebestes” (Mt 10,8). Segundo o Pr. Natanael Rinaldi, Kardec afirma que os espíritos podem nos acudir espontaneamente ao nosso chamado. Salta-nos a nossa análise que a aludida frase se encontra no item 259 da obra “O Livro dos Médiuns”. Vejamo-la:

269. **Os Espíritos podem comunicar-se espontaneamente, ou acudir ao nosso chamado, isto é, vir por evocação.** Pensam algumas pessoas que todos devem abster-se de evocar tal ou tal Espírito e ser preferível que se espere aquele que queira comunicar-se. Fundam-se em que, chamando determinado Espírito, não podemos ter a certeza de ser ele quem se apresenta, ao passo que aquele que vem espontaneamente, de seu moto próprio, melhor prova a sua identidade, pois que manifesta assim o desejo que tem de se entreter conosco. Em nossa opinião, isso é um erro: primeiramente, porque há sempre em tomo de nós Espíritos, as mais das vezes de condição inferior, que outra coisa não querem senão comunicar-se; em segundo lugar e mesmo por esta última razão, não chamar a nenhum em particular é abrir a porta a todos os que queiram entrar. Numa assembleia, não dar a palavra a ninguém é deixá-la livre a toda a gente e sabe-se o que daí resulta. **A chamada direta de determinado Espírito constitui um laço entre ele e nós; chamamo-lo pelo nosso desejo e opomos assim uma espécie de barreira aos intrusos.** Sem uma chamada direta, um Espírito nenhum motivo terá muitas vezes para vir confabular conosco, a menos que seja o nosso Espírito familiar.

Cada uma destas duas maneiras de operar tem suas vantagens e nenhuma desvantagem haveria, senão na exclusão absoluta de uma delas. As comunicações espontâneas inconvenientes nenhum apresentam, quando se está senhor dos Espíritos e certo de não deixar que os maus tomem a dianteira. Então, é quase sempre bom aguardar a boa-vontade dos que se disponham a comunicar-se, porque nenhum constrangimento sofre o pensamento deles e dessa maneira se podem obter coisas admiráveis; entretanto, pode suceder que o Espírito por quem se chama não esteja disposto a falar, ou não seja capaz de fazê-lo no sentido desejado. O exame escrupuloso, que temos aconselhado, é, aliás, uma garantia contra as comunicações más. Nas reuniões regulares, naquelas, sobretudo, em que se faz um trabalho continuado, há sempre Espíritos habituais que a elas comparecem, sem que sejam chamados, por estarem prevenidos, em virtude mesmo da regularidade das sessões. Tomam, então, frequentemente a palavra, de modo espontâneo, para tratar de um assunto qualquer, desenvolver uma proposição ou prescrever o que se deva fazer, caso em que são facilmente reconhecíveis, quer pela forma da linguagem, que é sempre idêntica, quer pela escrita, quer por certos hábitos que lhes são peculiares. (KARDEC, 1996, p. 347-348, grifo nosso)

Sempre que um crítico de outra agremiação religiosa tenta dar o seu parecer em cima da Codificação como conhecedor da crença alheia, fica a impressão de que é mais um pseudo-sábio do que um esclarecedor. Para a sua lide, denota-se conhecimento, mas para nossa análise, não passa de um sofista que tenta, de forma hercúlea, denegrir a crença ao qual não faz parte, não tendo a oferecer nada de melhor na sua fé, atinge a do seu próximo a fim de diminuí-lo, no afã de colocar-se acima.

O que Kardec deixa bem claro é que temos que sempre buscar evocar àqueles que nos são caros, com o fito de não darmos espaço aos espíritos que poderão se manifestar sem o chamado, dando-nos vazão ao embuste e sofisma de espíritos levianos. O que apreendemos é que nas sessões de que o nosso querido Chico fazia valer-se eram espontâneas, devido ao grande número de presentes que estavam à espera de um consolo de seus entes queridos com suas comunicações. Passemos, porquanto, ao ponto seguinte da entrevista.

Mas, o médium tem certeza de que ao invocar o espírito de uma determinada pessoa ele está realmente falando com a pessoa procurada? Como pode ter certeza?

Na verdade, o próprio Allan Kardec responde que esse é o grande problema do espiritismo: Ele afirma: “O ponto essencial nós temos dito, é sabermos a quem nos dirigimos.” (O Livro dos Espíritos, p. 42, Editora Opus Ltda., 2ª edição especial, 1985) Diz mais AK: “A identidade constitui uma das grandes dificuldades do espiritismo prático. É impossível, com freqüência, esclarece-la, especialmente quando são Espíritos superiores antigos em relação à nossa época. Entre aqueles que se manifestam, muitos não têm nome conhecido para nós, e, a fim de fixar nossa atenção, podem assumir o de um espírito conhecido, que pertence à mesma categoria. Assim, se um espírito se comunica com o nome de São Pedro, por exemplo, não há mais nada que prove que seja exatamente o apóstolo desse nome. Pode ser um Espírito do mesmo nível, por ele enviado.” (O Que é o Espiritismo, p. 318, Editora Opus Ltda., 2ª edição especial, 1985). Fica claro que não se pode identificar o espírito que vem nos dar supostas notícias ou instruções do além.

Como já o dissemos, a citação mutilada da Codificação passa-nos a falsa impressão de que o crítico é um profundo conhecedor, entretanto, seus argumentos não resistem ao exame apurado. Vejamos a primeira citação sobre a identidade dos espíritos referente à obra “O Livro dos Espíritos”.

CONTRADIÇÕES ENTRE OS ESPÍRITOS

As observações nos levam a dizer algumas palavras a respeito de uma outra dificuldade, a da divergência na linguagem dos Espíritos.

Como os Espíritos são muito diferentes uns dos outros nos conhecimentos e na moralidade, é evidente que a mesma questão pode ser por eles explicada com sentidos opostos, conforme a categoria que ocupam, como se ela fosse proposta, entre os homens, ora a um sábio, ora a um ignorante ou a um gracejador de mau gosto. **O ponto essencial, já o dissemos, é saber a quem se dirige.**

Mas, dizem os críticos: como se explica que os Espíritos reconhecidos por seres superiores não estejam sempre de acordo? Diremos, primeiramente, que além da causa que acabamos de assinalar há outras que podem exercer uma certa influência sobre a natureza das respostas, independentemente da qualidade dos Espíritos. Este é um ponto importante cuja explicação somente será dada pelo estudo. É por isso que dizemos que esses estudos requerem uma atenção firme, uma observação profunda e, principalmente, como em todas as ciências humanas, continuidade e perseverança. São necessários anos para fazer um médico medíocre, três quartos da vida para fazer um sábio; como pretender, em algumas horas, adquirir a ciência do infinito? Portanto, não nos enganemos: o estudo do Espiritismo é imenso, toca em todas as questões da metafísica²² e da ordem social, é todo um mundo que se abre diante de nós; será de espantar que seja preciso tempo, e muito tempo, para o adquirir?

A contradição, aliás, não é sempre tão evidente quanto pode parecer. Não vemos, todos os dias, homens que, ensinando a mesma ciência, divergem quanto à definição de uma coisa, seja ao empregar termos diferentes, seja ao encará-la sob um outro ponto de vista, ainda que a ideia fundamental permaneça a mesma? Que se conte, se possível, o número de definições que foram dadas pela gramática! Acrescentamos ainda que a forma da resposta depende, muitas vezes, da forma da pergunta. Seria ingenuidade encontrar uma contradição onde há apenas uma diferença de palavras. Os Espíritos Superiores não se prendem de nenhum modo à forma; para eles, o fundo do pensamento é tudo.

Tomemos por exemplo a definição da alma. Por essa palavra comportar várias significações, os Espíritos podem, assim como nós, divergir na definição que lhe dão: um poderá dizer que é o princípio da vida; um outro, chamá-la de

centelha anímica²³; um terceiro, dizer que é interna; um quarto, que é externa, etc., e todos terão razão em seu ponto de vista. Poderíamos até mesmo acreditar que alguns deles, em vista da sua definição, ensinassem teorias materialistas e, entretanto, não é assim. Ocorre o mesmo em relação a Deus; Ele será: o Princípio de todas as coisas, o Criador do universo, a Soberana inteligência, o Infinito, o Grande Espírito, etc., etc. e decisivamente será sempre Deus. Citamos, por fim, a classificação dos Espíritos. Eles formam uma escala contínua desde o grau inferior até o superior; portanto, a classificação não é rígida: um poderia estabelecer três classes; um outro, cinco, dez ou vinte, à vontade, sem estar, por isso, em erro. Também as ciências humanas nos oferecem o exemplo: cada sábio tem o seu sistema, os sistemas mudam, mas a ciência não. Que se aprenda botânica pelo sistema de Lineu, de Jussieu ou de Tournefort²⁴ e não será menos botânica. Deixemos de dar, portanto, às coisas de pura convenção mais importância do que merecem, para nos ocupar daquilo que é verdadeiramente sério, e **a reflexão nos fará descobrir, muitas vezes, naquilo que parece mais contraditório, uma semelhança que nos havia escapado à primeira vista.**

22 - Metafísica: é parte da filosofia, um conjunto de conhecimentos racionais (e não de conhecimentos revelados) em que se procura determinar as regras fundamentais do pensamento, e que nos dá a chave do conhecimento do real em oposição à aparência (N. E.).

23 - Centelha anímica: princípio da vida espiritual; corpo espiritual; o Espírito (N. E.).

24 - Lineu, Jussieu e Tournefort: naturalistas e botânicos, sendo o primeiro sueco e os outros dois franceses (N. E.). (KARDEC, 2004, p. 33-34, grifo nosso)

Observamos de imediato que após a mutilação do texto selecionado, o Pr. Natanael Rinaldi, procurou não mostrar a parte posterior da identificação dos espíritos, dando a entender que não é possível de identificá-los, o que Kardec prova que somente através do estudo profundo e a prática da Doutrina Espírita que se pode chegar a sua essência de suas mensagens. Vamos porquanto a segunda citação da obra “*O que é o Espiritismo*”. Vejamo-la:

Identidade dos Espíritos

93 - Uma vez que se encontram entre os Espíritos todos os defeitos da Humanidade, aí se encontram também a astúcia e a mentira; há os que não têm nenhum escrúpulo em se ornamentarem com nomes os mais respeitáveis para inspirarem mais confiança. É preciso, pois, abster-se de crer, de uma maneira absoluta, na autenticidade de todas as assinaturas.

94 - **A identidade é uma das grandes dificuldades do Espiritismo prático; frequentemente, ela é impossível de se constatar, sobretudo quando se trata de Espíritos superiores, antigos em relação a nós. Entre aqueles que se manifestam, muitos não têm nome para nós e, para fixar nossas ideias, eles podem tomar o de um Espírito conhecido pertencente à mesma categoria, de tal sorte que, se um Espírito se comunica com o nome de São Pedro, por exemplo, nada prova que ele seja precisamente o apóstolo desse nome; pode ser ele, como pode ser um Espírito da mesma ordem, enviado por ele.**

A questão da identidade, nesse caso, é por todos os títulos secundária, e haveria puerilidade a isso ligar importância. O que importa é a natureza do ensinamento, se é bom ou mau, digno ou indigno do personagem do qual leva o nome. Este o aprovaria ou o condenaria? Aí está toda a questão.

95 - A identidade é mais fácil de se constatar quando se trata de Espíritos contemporâneos, dos quais se conhece o caráter e os hábitos, porque é por esses mesmos hábitos e particularidades da vida privada que a identidade se revela mais seguramente e, frequentemente, de uma maneira incontestável. **Quando se evoca um parente ou um amigo, é a personalidade que interessa, e é muito natural procurar constatar-se a identidade;** mas os

meios que empregam, geralmente, para isso, aqueles que não conhecem senão imperfeitamente o Espiritismo, são insuficientes e podem induzir ao erro.

96 - O Espírito revela sua identidade por uma multidão de circunstâncias que ressaltam das comunicações, onde se refletem seus hábitos, seu caráter, sua linguagem e até suas locuções familiares. Ela se revela ainda pelos detalhes íntimos, nos quais ele entra espontaneamente com as pessoas às quais se afeiçoa, e que são os melhores. Mas é muito raro que ele satisfaça as questões diretas que lhe são dirigidas a esse respeito, sobretudo se elas são feitas por pessoas que lhe são indiferentes, com um objetivo de curiosidade e de prova. **O Espírito prova sua identidade como quer, ou como pode, segundo o gênero de faculdade do seu intérprete, e, frequentemente, essas provas são superabundantes.** O errado é querer que ele as dê à maneira do evocador; é quando ele se recusa a se submeter às suas exigências. (*O Livro dos Médiuns*, cap. XXIV: *Identidade dos Espíritos*; *Revista Espírita*, 1862, pág. 82: Fatos da identidade). (KARDEC, 2004, Capítulo II, Noções Elementares de Espiritismo, grifo nosso)

Após citarmos a obra “*O que é o Espiritismo*” da qual o Pr. Natanael Rinaldi se preocupou em levar o seu leitor a concluir que é impossível a identificação dos espíritos em suas manifestações das seções espíritas, fica evidente o despreparo dos argumentos do pastor e resalta a intenção dele em desacreditar, dentro da suposta citação mutilada nas obras da Codificação, a pretensão de passar a imagem de um crítico respeitável, mas que ao exame apurado, vemos que é pueril a sua crítica, quanto ao valor do ensinamento dos espíritos que têm maior valor moral, do que uma simples assinatura.

O que ainda Kardec fala em seu discurso, é que os espíritos mais antigos a nossa era é de difícil identificação, por não conhecermos seus hábitos, mas que ao estudo, faz-se mister que se considere o ensinamento mais importante do que uma assinatura. Já os espíritos familiares, estes, sim, são de fácil identificação pelos entes queridos, pois se conhece seus hábitos pela convivência familiar, principalmente nas partes que fizemos questão de destacar para que os leitores vejam com o discernimento de seu próprio juízo a crítica infundada do Pr. Natanael Rinaldi.

Entendemos que com este seu argumento o Pr. Natanael Rinaldi tende posteriormente a nos passar a impressão que os espíritos familiares que se manifestaram, nas seções espíritas presididas pelo nosso querido Chico, não são o que dizem ser, visando desacreditá-las mediante a mutilação da Codificação de Kardec, dando a seu leitor a falsa impressão que está embasada a sua crítica, porém, não resistem ao exame minucioso. Passemos a próxima questão.

É possível identificar os espíritos tidos por espíritos protetores para não se cair no engano por outros espíritos?

AK fez a seguinte pergunta: “Os espíritos protetores que tomam nomes conhecidos são sempre e sempre os portadores de tais nomes? A resposta que ele obteve foi: Não”. Ora, diante da resposta dos próprios espíritos a AK de que não há certeza da identidade dos espíritos que falam pelos médiuns o que se pode concluir daí? Uma pessoa convidada pelos espíritas e levada pela saudade, vai a um centro espírita para ter notícias de alguém falecido. Por exemplo, sua mãe? Façamos de conta que o médium seja pessoa honesta e digna de toda a confiança e dando crédito de que o médium conseguiu ligação com um espírito, quem pode afirmar com segurança que será o espírito da mãe procurada? Então como fica quando um espírito se diz ser fulano ou beltrano? Talvez seja fulano ou beltrano, mas pode também ser um espírito substituto. Certamente isso deveria ter ocorrido muitas vezes com o médium Chico Xavier.

Após a nossa investigação, percebemos que o Pr. Natanael Rinaldi demonstrou a sua intenção neste questionamento de sua entrevista. Ele cita a questão 505 da obra “O Livro dos Espíritos”, mas, mais uma vez, mutila a resposta que os espíritos dão a Kardec. Vejamos:

505 Os Espíritos protetores que tomam nomes conhecidos são sempre, realmente, os das pessoas que usaram esses nomes?

– Não, **mas dos Espíritos que lhes são simpáticos e que muitas vezes vêm a seu chamado. Fazeis questão de nomes, então, tomam um que inspire confiança. Quando não podeis realizar uma missão pessoalmente, costumais mandar alguém de confiança em vosso nome.** (KARDEC, 2004, p. 190-191, grifo nosso).

A parte que fizemos questão de destacar é a do envio, por parte dos espíritos protetores, de um espírito simpático e de mesma ordem a nos inspirar em suas mensagens. Se observarmos, a partir dessa questão levantada por Kardec sobre os espíritos protetores, o Pr. Natanael Rinaldi após a mutilação da conclusão da questão nos convida a um exemplo em que uma pessoa foi ao encontro de Chico Xavier para ter contato com o espírito de sua mãe. Pondo em dúvida se a mãe da pessoa que foi ao nosso querido Chico pudesse realmente aparecer, fundamentado na questão 505 da obra “O Livro dos Espíritos”, percebemos que o pastor, de forma desastrosa em seus argumentos, tentar estabelecer um conceito de um espírito protetor que caminha ao lado em nossa jornada, ao de um espírito familiar que tivemos contato e que queremos saber como está após a morte.

A inabilidade do Pr. Natanael Rinaldi o coloca em situação bem desfavorável à sua análise, por carência de um embasamento, tanto que na questão anterior levantada pelo pastor trata da evocação de um espírito protetor que não conhecemos enquanto encarnados e o exemplo por ele dado trata-se da evocação de um ente familiar que tivemos contato em vida. Vejamos:

504 a Como, então, invocá-lo se não o conhecemos?

– Dai-lhe o nome que quiserdes, de um Espírito Superior pelo qual tendes simpatia ou veneração; vosso Espírito protetor atenderá ao chamado; todos os bons Espíritos são irmãos e se assistem entre si. (KARDEC, 2004, p. 190).

Em outras palavras, o pastor, confundindo alhos com bugalhos, se fundamentou em um espírito protetor que não conhecemos enquanto encarnados e deu um exemplo de evocarmos um ente querido que certamente o conhecêssemos em vida. Fica aí então evidenciado que a citação da Codificação, aliada a um exemplo desconexo teve, certamente, apenas um objetivo, qual seja o de desacreditar as manifestações ocorridas enquanto o nosso querido Chico esteve conosco. Vamos à próxima questão.

E os espíritas admitem a possibilidade dessa intromissão de espíritos levianos fingindo ser as pessoas procuradas nem sendo elas mesmas?

Sim. Escreve AK: “Esses Espíritos levianos pululam ao nosso redor, e aproveitam todas as ocasiões para se imiscuírem nas comunicações; a verdade é a menor de suas preocupações, eis porque eles sentem um prazer maligno em mistificar aqueles que têm fraqueza, e algumas vezes a presunção de acreditar neles, sem discussão.” (O Livro dos Médiuns, p. 402, Editora Opus Ltda., 2ª edição especial, 1985).

O Pr. Natanael Rinaldi, afoito em tentar desacreditar as manifestações ocorridas através do nosso querido Chico, procura imiscuir a elas como manifestações

frívolas, tal como a citação do item 135 da obra “O Livro dos Médiuns” que iremos reproduzir e depois analisar. Vejamos:

135. *As comunicações frívolas emanam de Espíritos levianos, zombeteiros, ou brincalhões, antes maliciosos do que maus, e que nenhuma importância ligam ao que dizem. Como nada de indecoroso encerram, essas comunicações agradam a certas pessoas, que com elas se divertem, porque encontram prazer nas confabulações fúteis, em que muito se fala para nada dizer. Tais Espíritos saem-se às vezes com tiradas espirituosas e mordazes e, por entre facécias vulgares, dizem não raro duras verdades, que quase sempre ferem com justeza. **Em torno de nós pululam os Espíritos levianos, que de todas as ocasiões aproveitam para se intrometerem nas comunicações. A verdade é o que menos os preocupa; daí o maligno encanto que acham em mistificar os que têm a fraqueza e mesmo a presunção de neles crer sob palavra.** As pessoas que se comprazem nesse gênero de comunicações naturalmente dão acesso aos Espíritos levianos e falaciosos. Delas se afastam os Espíritos sérios, do mesmo modo que na sociedade humana os homens sérios evitam a companhia dos dodivanas. (KARDEC, 1996, p. 181-182, grifo nosso).*

O que nos chama à atenção nesta citação do Pr. Natanael Rinaldi em sua resposta a entrevista presidida pelo CACP, é, mais uma vez, a sua inabilidade em citar uma elucidação da Codificação com o fito de tentar, de forma hercúlea, imiscuir nas comunicações sérias que Kardec teve o zelo de separar, os conceitos das manifestações frívolas citadas por ele. O que nos impressiona é a habilidade, carente de uma boa ética, em mutilar os textos da Codificação em detrimento das manifestações presididas pelo nosso querido Chico. Vejamos as manifestações sérias às quais Kardec nos elucida no item imediatamente posterior ao citado do pastor. Vejamos:

136. ***As comunicações sérias são ponderosas quanto ao assunto e elevadas quanto à forma. Toda comunicação que, isenta de frivolidade e de grosseria, objetiva um fim útil, ainda que de caráter particular, é, por esse simples fato, uma comunicação séria.** Nem todos os Espíritos sérios são igualmente esclarecidos; há muita coisa que eles ignoram e sobre que podem enganar-se de boa-fé. Por isso é que os Espíritos verdadeiramente superiores nos recomendam de contínuo que submetamos todas as comunicações ao crivo da razão e da mais rigorosa lógica.*

No tocante a comunicações sérias, cumpre se distingam as *verdadeiras das falsas*, o que nem sempre é fácil, porquanto, exatamente à sombra da elevação da linguagem, é que certos Espíritos presunçosos, ou pseudo-sábios, procuram conseguir a prevalência das mais falsas ideias e dos mais absurdos sistemas. E, para melhor acreditados se fazerem e maior importância ostentarem, não escrupulizam de se adornarem com os mais respeitáveis nomes e até com os mais venerados. Esse um dos maiores escolhos da ciência prática; dele trataremos mais adiante, com todos os desenvolvimentos que tão importante assunto reclama, ao mesmo tempo que daremos a conhecer os meios de premonição contra o perigo das falsas comunicações. (KARDEC, 1996, p. 182, grifo nosso)

Escapa-nos a razão do Pr. Natanael Rinaldi em demonstrar completo desconhecimento da separação que Kardec fez judiciosamente entre as comunicações frívolas das comunicações sérias, mas que nem mesmo Kardec isentou as comunicações sérias do exame rigoroso de nossa parte. O que torna lamentável é o pastor tentar imiscuir às mensagens do nosso querido Chico como levianas, quando estas levaram conforto e alento por aqueles que perderam seus entes queridos, conforme os depoimentos dos que tiveram a graça de receber as mensagens. O que

denota nos argumentos do pastor é uma má-fé! Vamos à última questão levantada pelo CACP e respondida pelo Pr. Natanael Rinaldi. Vejamo-la:

Então cabe aqui uma pergunta: se não se pode identificar os espíritos que falam pelos médiuns, então, quem seriam eles?

Antes de responder a pergunta, vamos a um esclarecimento dado por AK: “Um fato que a observação demonstrou e os próprios Espíritos confirmam é o de que os Espíritos inferiores com frequência usurpam nomes conhecidos e respeitados. Quem pode, assim, garantir que os que dizem ter sido, por exemplo, Sócrates, Júlio César, Carlos Magno, Fenelon, Napoleão, Washington etc., tenham de fato animado essas personalidades? Tal dúvida existe até entre alguns fervorosos adeptos da Doutrina Espírita, os quais admitem a intervenção e a manifestação dos Espíritos, porém indagam como pode ser comprovada sua identidade?” (O Livro dos Espíritos - p. 41 Editora Opus Ltda., 2ª edição especial, 1985). Agora, respondendo sua pergunta: se não são as pessoas falecidas procuradas, os espíritos que tomam os seus lugares, só podem ser espíritos mentirosos e o pai da mentira é o Diabo como disse Jesus em João 8.44. E, apóstolo Paulo, fala sobre eles: “E não é maravilha, porque o próprio Satanás se transfigura em anjo de luz. Não é muito, pois, que os seus ministros se transfigurem em ministros da justiça; o fim dos quais será conforme as suas obras.” Assim, muitos que alegam na entrevista da revista Superinteressante que pensavam estar falando com parentes ou amigos falecidos, realmente não estavam. Foram enganados.” (II Coríntios 11:14, 15).

* <http://www.atarde.com.br/cidades/noticia.jsf?id=2219307>

O Pr. Natanael Rinaldi em sua conclusão não poderia deixar de nos lançar anátema, principalmente quando se esforça na tentativa de colocar as mensagens transmitidas por Chico Xavier como sendo obra de espíritos demoníacos. Mas antes de nosso desfecho, vamos a citação por ele dita e averiguaremos a sua procedência. Vejamos:

A IDENTIDADE DOS ESPÍRITOS

Um fato que a observação demonstrou e foi confirmado pelos próprios Espíritos é que os Espíritos inferiores apresentam-se, muitas vezes, com nomes conhecidos e respeitados. Quem pode nos assegurar que aqueles que dizem ter sido, por exemplo, Sócrates, Júlio César, Carlos Magno, Fénelon, Napoleão, Washington, etc. tenham realmente animado esses personagens? Essa dúvida existe entre alguns adeptos fervorosos da Doutrina Espírita; admitem a intervenção e a manifestação dos Espíritos, mas se perguntam como comprovar sua identidade. Essa comprovação é, de fato, muito difícil de estabelecer, já que não pode ser apurada de uma maneira tão prática e simples como por meio de um documento de identidade. Pode, entretanto, ser feita por alguns indícios.

Quando o Espírito de alguém que conhecemos pessoalmente se manifesta, seja de um parente ou de um amigo, por exemplo, especialmente se morreu há pouco tempo, ocorre, em geral, que sua linguagem está em perfeita relação com o seu caráter; isso já é um indício de identidade. Mas não há mais dúvida quando esse Espírito fala de coisas particulares, lembra de fatos de família apenas conhecidos pelo interlocutor. Um filho não se equivocaria certamente com a linguagem de seu pai ou de sua mãe, nem os pais com a de seu filho. Algumas vezes, nessas evocações, acontecem coisas surpreendentes, de

forma a convencer o mais incrédulo. O cético mais endurecido fica, então, maravilhado com as revelações inesperadas que lhe são feitas.

Uma outra circunstância muito característica vem fundamentar a identidade do Espírito. Dissemos que a letra do médium muda geralmente com o Espírito evocado, e que essa escrita se reproduz exatamente igual a cada vez que o mesmo Espírito se apresenta. Constatou-se, muitas vezes, que para as pessoas mortas há pouco tempo, essa escrita tem uma semelhança marcante com a da pessoa quando viva; têm-se visto assinaturas de uma exatidão perfeita. Estamos longe de dar esse fato, embora observado, como regra e, principalmente, como uma regra constante; nós o mencionamos como algo digno de nota.

Somente os Espíritos que atingiram um certo grau de purificação estão desligados de toda influência corporal. Porém, quando não estão completamente desmaterializados (é essa a expressão da qual se servem), conservam a maior parte das ideias, das tendências e até mesmo das manias que tinham na Terra, o que demonstra o meio de os reconhecermos; como também numa grande quantidade de fatos e detalhes, que somente uma observação atenta e firme pode revelar. Veem-se escritores discutir suas próprias obras ou suas doutrinas, aprovar ou condenar certas partes; outros Espíritos a lembrar fatos ignorados ou pouco conhecidos de sua vida ou de sua morte; enfim, detalhes que são pelo menos provas morais de identidade, as únicas a que se pode recorrer quando se trata de coisas abstratas, isto é, que estão fora da realidade.

Se, portanto, a identidade do Espírito evocado pode ser, até certo ponto, estabelecida em alguns casos, não há razão para que não o seja em outros, e se, em relação às pessoas cuja morte ocorreu há mais tempo, não há os mesmos meios de controle, tem-se sempre o da linguagem e do caráter que revelam, porque, seguramente, o Espírito de um homem de bem não falará como um perverso ou um devasso. Quanto aos Espíritos que se apresentam exibindo nomes respeitáveis, logo se traem pela linguagem e pelos ensinamentos. Aquele que dissesse ser Fénelon, por exemplo, e embora acidentalmente ofendesse o bom senso e a moral, mostraria, por esse simples fato, a fraude. Se, ao contrário, os pensamentos que exprimisse fossem sempre puros, sem contradições e constantemente à altura do caráter de Fénelon, não haveria motivos para duvidar de sua identidade. De qualquer maneira, seria preciso supor que um Espírito que apenas prega o bem pode conscientemente empregar a mentira, e isso sem utilidade. A experiência nos ensina que os Espíritos da categoria, do mesmo caráter e animados pelos mesmos sentimentos se reúnem em grupos ou em famílias; que o número de Espíritos é incalculável e estamos longe de conhecê-los todos; e que até mesmo a maior parte deles não tem nome para nós. Um Espírito da mesma categoria de Fénelon pode vir em seu lugar, muitas vezes, enviado a seu pedido; apresentar-se sob seu nome, pois lhe é idêntico, e substituí-lo, porque precisamos de um nome para fixar nossas ideias. Mas o que importa, em definitivo, que um Espírito seja realmente ou não o de Fénelon? A partir do momento que somente diz coisas boas e que fala como o próprio Fénelon falaria, é um bom Espírito; o nome com que se apresenta é indiferente e, muitas vezes, é apenas um meio de fixar nossas ideias. **O mesmo não seria admissível nas evocações dos familiares; mas aí, como dissemos, a identidade pode ser estabelecida por provas de alguma forma evidentes.**

Contudo, é certo que a substituição dos Espíritos pode ocasionar uma série de enganos e resultar em erros e, muitas vezes, em mistificações; essa é uma dificuldade do Espiritismo prático. Mas nunca dissemos que fosse algo fácil, nem que se pudesse aprendê-lo brincando, como não se faz com qualquer outra ciência. **Nunca será demais repetir que ele pede um estudo assíduo e, frequentemente, bastante prolongado; não podendo provocar os fatos, é preciso esperar que se apresentem por si mesmos e, frequentemente, são conduzidos por circunstâncias com as quais nem ao menos se sonha.** Para o observador atento e paciente, os fatos se produzem e então ele

descobre milhares de detalhes característicos que representam fachos de luz. É assim também nas ciências comuns, enquanto o homem superficial vê numa flor apenas uma forma elegante, o sábio descobre nela tesouros para o pensamento. (KARDEC, 2004, p. 30-31, grifo nosso)

O que nos chama a atenção nos argumentos do CACP, em conclusão, é de que não se podem identificar os espíritos nas sessões espíritas de cunho sério, especialmente as que foram presididas pelo nosso querido Chico Xavier, ao passo que o CACP, em parceria com o Pr. Natanael Rinaldi, tentaram, de forma inábil, imiscuir suas ideias às mutilações da Codificação de Kardec, repassando aos seus leitores uma completa demonstração de má-fé, em diminuir a crença alheia em detrimento de sua própria, tendo como base a codificação de Kardec, a fim de que pudessem dar um fundamento às suas críticas, mas que ao exame apurado e as citações sem cortes, fica evidenciado que a manifestação de espíritos familiares é peculiar ao ente querido que desencarnou (morreu) e ao consulente, cabendo a detalhes da vida que somente pessoas bem íntimas o sabem e Kardec com maestria nos convidou a testificar nesta última citação da obra "*O Livro dos Espíritos*".

Vale a pena transcrevermos uma fala do Papa Francisco que circula na Internet: "Não há necessidade de consultar um psicólogo para saber que quando você denigre o outro é porque você mesmo não consegue crescer e precisa que o outro seja rebaixado para você se sentir alguém". (<http://www.zenit.org/pt/articles/nao-falem-mal-uns-dos-outros>)

Temos porquanto que dizer que a mentira não está em nossa defesa, mas na tentativa do CACP, em parceria com o Pr. Natanael Rinaldi, em levar seus leitores ao erro. Recomendamos o juízo de nossos argumentos em resposta ao pastor que caberia aqui não lhe lançar anátema, mas também de lhe recomendar uma determinação bíblica!

At 5,38-39: E agora digo-vos: Dai de mão a estes homens, e deixai-os, porque, se este conselho ou esta obra é de homens, se desfará, **Mas, se é de Deus, não podereis desfazê-la; para que não aconteça serdes também achados combatendo contra Deus.**

Thiago Toscano Ferrari
Novembro / 2013

Referências bibliográficas:

Bíblia Sagrada, São Paulo: SBB, 2000.

KARDEC, A. *O que é o Espiritismo*, São Paulo: PETIT, 2004.

KARDEC, A. *O Livro dos Espíritos*, São Paulo: PETIT, 2004.

KARDEC, A. *O Livro dos Médiuns*, Rio de Janeiro: FEB, 1996.

[1] http://pt.wikipedia.org/wiki/Chico_Xavier

[2] <http://visao-espirita.blogspot.com.br/2010/06/padre-fabio-de-melo-tece-comentarios.html>